

Blue Notes | Fechamento da Semana | 21 de outubro 2022

Incerteza econômica faz mais uma vítima. A semana nos mercados globais foi de grande volatilidade, com alta nos juros futuros americanos e valorização do dólar reforçados por falas hawkish de membros do FED. Essa tendência foi abalada na sexta por rumores de que o FED estaria preparando uma desaceleração no ritmo de alta de juros. Nossa leitura é a de a inflação ainda está alta e seria temerário antecipar movimentos dessa natureza. Nesse contexto de incerteza global, a pressão sobre governos que geram ruídos de política econômica permanece alta. Além do mau exemplo do governo conservador de direita do Reino Unido, temos visto o recém-inaugurado governo de esquerda da Colômbia assustar o mercado com ameaças de controle de capitais e intervenção em contratos de exploração de petróleo. Em resposta, o peso colombiano depreciou cerca de 5% versus o dólar e os juros dispararam. Já no Brasil, o processo eleitoral acirrado não assusta os investidores, que antecipam uma transição tranquila, não importa quem vença o pleito. Parece muito bom para ser verdade.

Brasil é destaque nas reuniões do FMI. Os encontros anuais do FMI e os eventos paralelos organizados por instituições financeiras, que reúnem autoridades e investidores de todas as partes do mundo, geralmente, consolidam consensos econômicos e de mercado. Na edição deste ano, em meio a um cenário sombrio para a economia global em face a pressões inflacionárias persistentes e risco de recessão, o Brasil acabou se destacando como uma grande oportunidade de investimento. Nem mesmo a beligerante disputa eleitoral pela qual passamos assusta o investidor estrangeiro, normalmente tão avesso a incertezas políticas. Mas é exatamente a leitura de que não haverá ruptura de política econômica, pois o incumbente tende a manter o status quo e o opositor tem se cercado de forças moderadas, que tem dado conforto aos investidores estrangeiros. O grande risco, em nossa visão, é a alta do mercado gerar leniência fiscal e decepção num momento posterior.

Nos EUA, mercado de trabalho segue aquecido.

Dados preliminares de outubro não indicaram um processo de afrouxamento do mercado de trabalho. Pedidos de auxílio desemprego voltaram a cair, e parecem estar ancorados em níveis extremamente baixos. Mesmo para o setor de manufaturas que tem desacelerado nos últimos meses, pesquisa do Fed regional da Filadelfia registrou forte alta do componente de emprego. Diante de um mercado de trabalho extremamente apertado e uma inflação mais persistente, membros do Fed sinalizaram que o processo de alta de juros pode levar a uma taxa terminal mais alta, de ao menos 5%. Por outro lado, alguns integrantes têm manifestado preocupação com o ritmo acelerado de ajuste que poderia ocasionar um aperto excessivo das condições financeiras. Enquanto os dados de inflação e salários serão fundamentais para as próximas decisões, os fundamentos da economia apontam para uma taxa terminal mais elevada.

No Japão, inflação subjacente ainda contida.

Em linha com o esperado, inflação acumulou alta de 3% em setembro. O índice não alcançava esse patamar desde o início da década de 90. No entanto, excluindo alimentos e energia, a inflação continua em nível bem baixo ao redor de 1%. Ainda sem sinais convincentes de sustentabilidade dessa alta de preços, o BOJ tem sinalizado que se manterá firme no expansionismo monetário. Novas intervenções no mercado de câmbio podem ocorrer, a fim de suavizar a velocidade de depreciação.

